



Energia Solar e Eólica

Paulo Jayme Pereira Abdala
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Paulo Jayme Pereira Abdala
(Organizador)

Energia Solar e Eólica

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E56 Energia solar e eólica [recurso eletrônico] / Organizador Paulo Jayme Pereira Abdala. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Energia Solar e Eólica; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-066-7

DOI 10.22533/at.ed.667192201

1. Energia – Fontes alternativas. 2. Energia eólica. 3. Energia solar. I. Abdala, Paulo Jayme Pereira.

CDD 621.042

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As chamadas energias renováveis, também conhecidas como energias alternativas ou ainda energias limpas são três denominações possíveis para qualquer forma de energia obtida por meio de fontes renováveis, e que não produzem grandes impactos ambientais negativos. Atualmente, com a grande preocupação mundial em compensar as emissões de CO₂, o consumo deste tipo de energia tem sido o foco de governos e empresas em todo globo.

Neste sentido, o Brasil possui uma matriz energética bastante limpa, onde predomina o uso de hidrelétricas, apesar do crescimento do uso de termelétricas, as quais são abastecidas por combustível fóssil. No Brasil, o setor energético é responsável por grande parte das emissões de CO₂, ficando atrás somente do setor agrícola que reapresenta a maior contribuição para o efeito estufa brasileiro.

A energia proveniente do sol é a alternativa renovável mais promissora para o futuro e, por este motivo tem recebido maior atenção e também mais investimentos. A radiação solar gratuita fornecida pelo sol pode ser captada por placas fotovoltaicas e ser posteriormente convertida em energia elétrica. Esses painéis usualmente estão localizados em construções, como indústrias e casas, o que proporciona impactos ambientais mínimos. Esse tipo de energia é uma das mais fáceis de ser implantada em larga escala. Além de beneficiar os consumidores com a redução na conta de energia elétrica reduzem as emissões de CO₂.

Com relação à energia eólica, o Brasil faz parte do grupo dos dez países mais importantes do mundo para investimentos no setor. As emissões de CO₂ requeridas para operar esta fonte de energia alternativa são extremamente baixas e é uma opção atrativa para o país não ser dependente apenas das hidrelétricas. Os investimentos em parques eólicos vem se tornando uma ótima opção para neutralização de carbono emitidos por empresas, indústrias e etc.

Neste contexto, este EBOOK apresenta uma importante contribuição no sentido de atualizar os profissionais que trabalham no setor energético com informações extremamente relevantes. Ele está dividido em dois volumes contendo artigos práticos e teóricos importantes para quem deseja informações sobre o estado da arte acerca do assunto.

Paulo Jayme Pereira Abdala

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	10
UMA REVISÃO SOBRE AS TECNOLOGIAS FOTOVOLTAICAS ATUAIS	
Alexandre José Bühler	
Ivan Jorge Gabe	
Fernando Hoefling dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6671922011	
CAPÍTULO 2	26
VALIDAÇÃO DE MODELOS DE COMPORTAMENTO TÉRMICO DE PAINÉIS FOTOVOLTAICOS PARA O SEMIÁRIDO BRASILEIRO	
Bruna de Oliveira Busson	
Pedro Henrique Fonteles Dias	
Ivonne Montero Dupont	
Pedro Hassan Martins Campos	
Paulo Cesar Marques de Carvalho	
Edylla Andressa Queiroz Barroso	
DOI 10.22533/at.ed.6671922012	
CAPÍTULO 3	41
A GERAÇÃO SOLAR DE CALOR DE PROCESSOS INDUSTRIAIS NA PRODUÇÃO DE GESSO BETA DO POLO GESSEIRO DO ARARIPE	
André Vitor de Albuquerque Santos	
Kenia Carvalho Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.6671922013	
CAPÍTULO 4	58
A UTILIZAÇÃO DO SILÍCIO NACIONAL PARA A FABRICAÇÃO DE PLACAS SOLARES: UMA REFLEXÃO DAS DIFICULDADES TECNOLÓGICA E FINANCEIRA	
Felipe Souza Davies	
Gustavo Luiz Frisso	
Matheus Vinícius Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.6671922014	
CAPÍTULO 5	72
AEROPORTO DE VITÓRIA/ES: ESTUDO DO POTENCIAL DE GERAÇÃO DE ENERGIA SOLAR FOTOVOLTAICA	
Ana Luiza Guimarães Valory	
Sidney Schaeffer	
Warley Teixeira Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.6671922015	
CAPÍTULO 6	87
ANÁLISE ENERGÉTICA E EXERGÉTICA DE MÓDULOS FOTOVOLTAICOS DE SILÍCIO MONOCRISTALINO E POLICRISTALINO	
Suellen Caroline Silva Costa	
Janaína de Oliveira Castro Silva	
Cristiana Brasil Maia	
Antônia Sônia Alves Cardoso Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.6671922016	

CAPÍTULO 7	1043
ANÁLISE HARMÔNICA NOS INVERSORES FOTOVOLTAICOS DE UMA MICROGERAÇÃO FOTOVOLTAICA	
Alessandro Bogila Joel Rocha Pinto Thales Prini Franchi Thiago Prini Franchi	
DOI 10.22533/at.ed.6671922017	
CAPÍTULO 8	120
ANÁLISE TÉCNICA E ECONÔMICA DA IMPLEMENTAÇÃO DE UM SISTEMA FOTOVOLTAICO NO MODELO DE UMA ÁRVORE NA FACULDADE DE TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	
Bárbara de Luca De Franciscis Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.6671922018	
CAPÍTULO 9	139
ANÁLISE FINANCEIRA DE SISTEMAS DE MICROGERAÇÃO FOTOVOLTAICA FINANCIADOS EM PALMAS - TO	
Brunno Henrique Brito Maria Lúcia Feitosa Gomes de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6671922019	
CAPÍTULO 10	152
APLICAÇÃO DE SISTEMA FOTOVOLTAICO EM ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE CRUZ ALTA/RS: ANÁLISE DE IMPLANTAÇÃO E POTENCIAL DE ENERGIA GERADA	
Alessandra Haas Franciele Rohr Ísis Portolan dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.66719220110	
CAPÍTULO 11	165
APLICAÇÃO DO ALGORITMO DE RASTREAMENTO DO PONTO DE MÁXIMA POTÊNCIA (MPPT) EM MÓDULOS FOTOVOLTAICOS	
Augusto Hafemeister João Batista Dias Leonel Augusto Calliari Poltosi	
DOI 10.22533/at.ed.66719220111	
CAPÍTULO 12	181
AR CONDICIONADO SOLAR – CICLO DE ADSORÇÃO	
Rafael de Oliveira Barreto Pollyanne de Oliveira Carvalho Malaquias Matheus de Mendonça Herzog Luciana Carvalho Penha Lucio Cesar de Souza Mesquita Elizabeth Marques Duarte Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.66719220112	
CAPÍTULO 13	194
AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA DO COLETOR SOLAR PLANO ACOPLADO EM SECADOR HÍBRIDO	
Raphaela Soares da Silva Camelo	

Ícaro da Silva Misquita
Thais Andrade de Paula Lovisi
Lizandra da Conceição Teixeira Gomes de Oliveira
Juliana Lobo Paes
Camila Lucas Guimarães

DOI 10.22533/at.ed.66719220113

CAPÍTULO 14 212

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DE NOVO PROTÓTIPO DE FOTOBIORREATOR NÃO TRANSPARENTE PARA CULTIVO DE MICROALGAS COM ILUMINAÇÃO INTERNA ATRAVÉS DE POFS QUE RECEBEM A LUZ DE LENTES MONTADAS EM SISTEMA DE RASTREAMENTO SOLAR

Gisel Chenard Díaz
Yordanka Reyes Cruz
Rene Gonzalez Carliz
Fabio Toshio Dino
Maurílio Novais da Paixão
Donato A. Gomes Aranda
Marina Galindo Chenard

DOI 10.22533/at.ed.66719220114

CAPÍTULO 15 225

AVALIAÇÃO DE WEBSITES BRASILEIROS PARA SIMULAÇÃO DE SISTEMAS FOTOVOLTAICOS CONECTADOS À REDE: PARÂMETROS DE ENTRADA E RESULTADOS

Marina Calcagnotto Mascarello
Letícia Jenisch Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.66719220115

CAPÍTULO 16 241

AVALIAÇÕES DE CUSTO E DESEMPENHO DE SISTEMAS FOTOVOLTAICOS TIPO SIGFI COM DIFERENTES PERÍODOS DE AUTONOMIA

Marta Maria de Almeida Olivieri
Leonardo dos Santos Reis Vieira
Marco Antonio Galdino
Márcia da Rocha Ramos

DOI 10.22533/at.ed.66719220116

CAPÍTULO 17 257

AVALIAÇÃO DO POTENCIAL EÓLICO CONSIDERANDO O EFEITO DA ESTEIRA AERODINÂMICA DE TURBINAS ATRAVÉS DO MODELO DO DISCO ATUADOR

Luiz Fernando Pezzi
Adriane Prisco Petry

DOI 10.22533/at.ed.66719220117

CAPÍTULO 18 272

COMPARAÇÃO DE RESULTADOS DE GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA ATRAVÉS DE DIFERENTES BASES DE DADOS DE IRRADIAÇÃO - ESTUDO DE CASO EM CURITIBA

Danilo Carvalho de Gouveia
Jeanne Moro
Muza Iwanow
Rebecca Avença
Jair Urbanetz Junior

DOI 10.22533/at.ed.66719220118

CAPÍTULO 19	284
DESENVOLVIMENTO DE SUPERFÍCIES SUPERHIDROFÓBICAS COM EFEITO AUTOLIMPANTE PARA APLICAÇÕES EM MÓDULOS FOTOVOLTAICOS	
Lucélio Oliveira Lemos	
Magnum Augusto Moraes Lopes de Jesus	
Aline Geice Vitor Silva	
Angela de Mello Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66719220119	
CAPÍTULO 20	297
DESENVOLVIMENTO DE UM APLICATIVO PARA DIMENSIONAMENTO DE SISTEMAS DE GERAÇÃO FOTOVOLTAICA	
Stéphane Rodrigues da Silva	
Érica Tiemi Anabuki	
Luis Cláudio Gambôa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.66719220120	
CAPÍTULO 21	312
DO PETRÓLEO À ENERGIA FOTOVOLTAICA: A INSERÇÃO DO BRASIL NESTE NOVO MERCADO	
Emilia Ribeiro Gobbo	
Maria Antonia Tavares Fernandes da Silva	
Rosemarie Bröker Bone	
DOI 10.22533/at.ed.66719220121	
CAPÍTULO 22	330
EFEITO DO SOMBREAMENTO EM MÓDULOS FOTOVOLTAICOS	
José Rafael Cápua Proveti	
Daniel José Custódio Coura	
Carlos Roberto Coutinho	
Adriano Fazolo Nardoto	
DOI 10.22533/at.ed.66719220122	
CAPÍTULO 23	342
ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO ENERGÉTICA E DE DESEMPENHO DE UM SISTEMA FOTOVOLTAICO INTEGRADO AO COMPLEXO AQUÁTICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	
Helena Flávia Napolini	
Gustavo Xavier de Andrade Pinto	
Julio Boing Neto	
Ricardo Rütther	
DOI 10.22533/at.ed.66719220123	
CAPÍTULO 24	354
ESTUDO DA SECAGEM INTERMITENTE DA MANGA UTILIZANDO SECADOR HÍBRIDO SOLAR-ELÉTRICO	
Camila Lucas Guimarães	
Juliana Lobo Paes	
Raphaela Soares da Silva Camelo	
Madelon Rodrigues Sá Braz	
Ícaro da Silva Misquita	
Lizandra da Conceição Teixeira Gomes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66719220124	

CAPÍTULO 25	367
ANÁLISE PRÉVIA DO VALOR DA DEPENDÊNCIA DO SOLO PARA AS ATIVIDADES AGRÍCOLAS COM A POSSÍVEL IMPLANTAÇÃO DO PARQUE EÓLICO DA SERRA, EM SÃO FRANCISCO DE PAULA, RS	
Antonio Robson Oliveira da Rosa Leonardo Beroldt Rafael Haag	
DOI 10.22533/at.ed.66719220125	
CAPÍTULO 26	379
APLICAÇÃO DE UM DVR EM AEROGERADORES SCIG E DFIG PARA AUMENTO DE SUPORTABILIDADE FRENTE A AFUNDAMENTOS DE TENSÃO	
Edmar Ferreira Cota Renato Amorim Torres Victor Flores Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.66719220126	
CAPÍTULO 27	398
AVALIAÇÃO DO POTENCIAL EÓLICO DE UMA REGIÃO COM TOPOGRAFIA COMPLEXA UTILIZANDO DINÂMICA DOS FLUIDOS COMPUTACIONAL	
William Corrêa Radünz Alexandre Vagtinski de Paula Adriane Prisco Petry	
DOI 10.22533/at.ed.66719220127	
CAPÍTULO 28	410
EDIFICAÇÃO DE ENERGIA POSITIVA: ANÁLISE DE GERAÇÃO E CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA NO ESCRITÓRIO VERDE DA UTFPR EM CURITIBA	
Larissa Barbosa Krasnhak Elis Almeida Medeiros de Mello Jair Urbanetz Junior Eloy Casagrande Junior	
DOI 10.22533/at.ed.66719220128	
CAPÍTULO 29	422
ESTAÇÃO METEOROLÓGICA WIFI DE BAIXO CUSTO BASEADO EM THINGSPEAK	
Renan Tavares Figueiredo Odélsia Leonor Sanchez de Alsina Diego Lopes Coriolano Eurípes Lopes de Almeida Neto Ladjane Coelho dos Santos Iraí Tadeu Ferreira de Resende Ana Claudia de Melo Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66719220129	
SOBRE O ORGANIZADOR	431

AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA DO COLETOR SOLAR PLANO ACOPLADO EM SECADOR HÍBRIDO

Lizandra da Conceição Teixeira Gomes de Oliveira

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
Departamento de Engenharia
Seropédica – RJ

Juliana Lobo Paes

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
Departamento de Engenharia
Seropédica – RJ

Camila Lucas Guimarães

Universidade Federal Fluminense, Escola de
Engenharia
Volta Redonda – RJ

Raphaela Soares da Silva Camelo

Universidade Federal Fluminense, Escola de
Engenharia
Volta Redonda – RJ

Ícaro da Silva Misquita

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
Departamento de Engenharia,
Seropédica - Rio de Janeiro

Thais Andrade de Paula Lovisi

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
Departamento de Engenharia
Seropédica – RJ

Atuando como fonte de energia primária, o coletor absorve a radiação solar e a converte em energia térmica, que é utilizada pelo secador. Para este tipo de aplicação, o coletor plano apresenta como vantagens a absorção direta de energia, a dispensa de dispositivos mecânicos para mantê-lo perpendicular aos raios solares e o custo reduzido. Contudo, algumas variáveis podem afetar o desempenho de um coletor solar na secagem de produtos, incluindo as características necessárias ao ar de entrada na câmara de secagem (temperatura), o fluxo de massa de ar e quantidade de energia demandados, além da sua eficiência instantânea. Objetivou-se neste estudo avaliar a eficiência do coletor solar de placa plana na composição de sistema híbrido para secagem de produtos agrícolas. O trabalho foi conduzido no outono, utilizando a manga (*Mangifera indica* L.) como matéria prima na secagem, que totalizou 72 h com período de intermitência de 15 h. Durante a secagem, o coletor solar foi monitorado quanto à temperatura de entrada e saída, velocidade do ar de secagem e radiação global. Para as condições experimentais, obteve-se eficiência instantânea média de 25,9% e máxima de 58,6%. A curva de eficiência do coletor em função do tempo de secagem mostrou que os menores valores foram obtidos no início da manhã, enquanto os picos de eficiência ocorreram no meio do dia, horários

RESUMO: O coletor solar é o principal componente de um secador solar, pois atua diretamente na captação de energia para o funcionamento do sistema de secagem.

de maior incidência de radiação.

PALAVRAS-CHAVE: Desempenho térmico, Eficiência instantânea, Energia solar

ABSTRACT: The main component in a solar dryer is the solar collector, which captures energy directly from the sun to be used by the drying system. Working as a primary energy source, the collector absorbs the solar radiation and converts it into thermal energy, which is used by the dryer. Regarding this type of application, the flat plate collector provides advantages in the direct energy absorption, the dispensing of mechanical devices to keep it upright to collect solar rays and the reduced cost. However, some variables can affect the performance of a solar collector in product drying, including the characteristics necessary for the inlet air of the drying chamber (temperature), air mass flow and the amount of energy required, besides its instantaneous efficiency. This study aimed to evaluate the efficiency of a flat plate solar collector in the composition of a hybrid system applied to agricultural product drying. It was conducted in the autumn and mango (*Mangifera indica* L.) was used as the raw material for the drying, which totaled 72 h with 15 h intermittence periods. During these hours, the solar collector was monitored according to the inlet and outlet temperature, drying air speed and global radiation. For the experimental conditions, an average instantaneous efficiency of 25.9% was obtained, achieving a maximum of 58.6%. The curve of the collector efficiency as a function of time showed minimal values in the early morning and the efficiency peaks in the middle of the day, during a period of higher solar radiation incidence.

KEYWORDS: Thermal performance, Instantaneous efficiency, Solar Energy.

1 | INTRODUÇÃO

Na cadeia produtiva do agronegócio, existe grande defasagem em relação à eficiência na produção entre as pequenas e grandes propriedades (BRAGA *et al.*, 2015). Contudo, segundo dados da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD, 2017), mais de 50% dos alimentos que compõem a cesta básica brasileira são provenientes de sistemas de agricultura familiar.

A agricultura familiar pode ser definida como um modelo de produção em que a tomada de decisões, gerência, trabalho e capital são controlados pela família (GUIMARÃES, 2010). Nesse sistema a produção agrícola é realizada com poucos recursos financeiros devido ao baixo poder aquisitivo dos agricultores familiares (BRAGA *et al.*, 2015). Portanto, para estimular o agronegócio brasileiro, é necessário não apenas reconhecer a importância da agricultura familiar para a produção agrícola do país, mas também desenvolver tecnologias de baixo custo e alta eficiência que possam refletir em incrementos no setor.

Devido às características de extensão territorial, posição geográfica, solo e condições climáticas, a produção agrícola brasileira tem se voltado à fruticultura

(BARBOSA, 2011). A agricultura familiar acompanha essa tendência, concentrando-se nos setores de olericultura e fruticultura (IBGE, 2012). Contudo, um dos maiores desafios para o setor é a elevada taxa de desperdício dos produtos agrícolas (SEBRAE, 2015). Em países em desenvolvimento tal desperdício alcança mais de 40%, ocorrendo principalmente nas etapas de pós-colheita e processamento (SPRICIGO, 2016). Neste sentido, é necessário aplicar soluções para redução dessas perdas para aproveitar o potencial dos produtos.

Tratando-se de redução de perdas e preservação da qualidade de produtos agrícolas, o controle do teor de água torna-se crucial. Uma alternativa amplamente utilizada para este propósito é a prática de secagem. A técnica pode ser brevemente definida como um processo de remoção de umidade devido à transferência simultânea de calor e massa. A secagem é uma prática usual de pós-colheita na qual ocorre a diminuição da quantidade de água no material ao ponto de reduzir a atividade biológica e as mudanças físico-químicas que ocorrem durante o armazenamento (MENEGETTI *et al.*, 2012; EI-SEBAIL & SHALABY, 2013; BARBOSA DE LIMA *et al.*, 2016). Celestino (2010) destaca, entre as principais vantagens do método, o aumento de vida útil do produto, a facilidade no transporte e comercialização e o alto valor nutritivo obtido, resultado da concentração de nutrientes após a perda de água.

Existem diversas técnicas de secagem de alimentos, desde a secagem natural que é a mais antiga e tradicional até técnicas mais sofisticadas como a liofilização (GUIMARÃES, 2010). No entanto, independente da técnica a ser adotada é de grande interesse da indústria alimentícia e, principalmente, do consumidor que após a secagem de produtos sejam mantidos não só a qualidade nutricional, mas também as características sensoriais de aparência, aroma e sabor. Neste sentido, torna-se extremamente importante a escolha de um método de secagem adequado (MARQUES, 2008).

Falcão Filho (2011) sugere que métodos convencionais, como a secagem mecânica, têm apresentado custos muito elevados devido à crise energética e o aumento dos preços dos combustíveis, exigindo assim, a busca de outras metodologias. Tendo essa necessidade em vista, vem sido propostas soluções utilizando energia solar, por se tratar de uma fonte energética livre, renovável e não poluente (SREEKUMAR, 2010). Sendo assim, essa alternativa constitui como uma opção vantajosa para viabilizar o desenvolvimento de projetos em várias áreas de interesse, como a secagem de frutas (MACHADO *et al.*, 2011).

No setor agrícola, o uso de sistemas de energia solar para secagem de grãos, frutas e vegetais é viável, econômico e ideal para agricultores em muitos países em desenvolvimento (FALCÃO FILHO, 2011; MUSTAYEN *et al.*, 2014). A radiação solar pode ser utilizada diretamente como fonte de energia térmica, para aquecimento de fluidos e ambiente. Este aproveitamento térmico pode ser realizado através do uso de coletores ou concentradores solares (COSTA, 2010; FALCÃO FILHO, 2011). O coletor solar é definido como um tipo específico de trocador de calor que transforma a energia

da radiação solar em térmica, visando aquecimento do ar ambiente (CARVALHO & SIONEK, 2015).

A secagem pode ser realizada com o produto disposto diretamente no coletor (secagem direta) ou em câmara (secagem indireta). Para secagem com maior controle dos parâmetros higroscópicos como temperatura e umidade relativa, tendo em vista manter as propriedades físico-químicas das frutas, opta-se pelo método indireto (BARBOSA, 2011). Além disso, a circulação de ar no processo de secagem pode acontecer de modo natural ou forçado. Enquanto na secagem natural o ar é movimentado apenas através do vento, na secagem forçada essa movimentação ocorre através de processos manuais ou mecânicos de ventilação (BARBOSA DE LIMA *et al.*, 2016). Segundo os autores, a secagem forçada permite o emprego de alta ou baixa temperatura, secagem combinada ou outras técnicas, sendo, portanto, mais abrangente a diferentes condições de secagem. Com relação à operação, a o processo de secagem pode ser classificado em contínuo ou intermitente. Na operação contínua, o produto é constantemente exposto ao aquecimento até que a umidade atinja o teor desejado. Já na operação intermitente, o produto é exposto a curtos intervalos de tempo entre a exposição ao calor (BARBOSA DE LIMA *et al.*, 2016). Estes intervalos podem dar um certo descanso ao produto embora isso possa refletir no tempo de secagem.

De modo geral, a técnica de secagem vem sendo estudada com foco na obtenção de produtos de melhor qualidade e menor custo, atendendo as necessidades de pequenos e médios produtores (FREITAS NETO, 2015). O desenvolvimento de pesquisas com equipamentos de secagem que utilizem energia solar com eficiência e baixo custo se constitui como importante aliado na atualidade, como opção para esses produtores (COSTA, 2010). Contudo, para que a energia solar na secagem seja economicamente viável, é necessário combinar a demanda energética e as características de radiação solar (IMRE, 2015). Logo, avaliar o desempenho desse tipo de sistema e seus elementos torna-se importante para o aperfeiçoamento do método. Neste sentido, Silveira (2016) argumenta a importância e complexidade de se estudar o coletor solar, como o principal componente de um secador solar por desempenhar a função de fonte de energia primária. O mesmo autor cita que uma medida para avaliar o desempenho do coletor solar é a eficiência, parâmetro em foco no presente estudo.

2 | MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi conduzido em unidade piloto para secagem de produtos agrícolas utilizando energia solar. A unidade foi localizada na área experimental do Departamento de Engenharia (DE) / Instituto de Tecnologia (IT) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), campus Seropédica - RJ, cujas coordenadas geográficas são: 22° 45' 33" S e 43° 41' 51" W. O clima da região, segundo a classificação de Köppen,

é do tipo Aw, apresentando temperatura média anual de 25,7 °C e precipitação média anual em torno de 1,213 mm (GENUNCIO, 2009). O período experimental foi de 9 a 12 de junho de 2015, período final do outono. A manga (*Mangifera indica L.*) variedade Palmer (Figura 1) foi adquirida no comércio local, selecionadas levando em consideração a uniformidade de maturação, sem doenças ou danos mecânicos, de forma a padronizar as amostras utilizadas no experimento.



Figura 1. Manga (*Mangifera indica L.*) variedade Palmer

As frutas foram lavadas em água corrente, descascadas e cortadas de forma manual, através de cortes da polpa em tiras longitudinais. Tratando-se de frutas, a etapa de sanitização é fundamental para reduzir os riscos de ação de microrganismos patogênicos ou deteriorantes (BACHELLI, 2010). Desta forma, as amostras foram sanitizadas segundo recomendação de Cornejo *et al.* (2003), com imersão em solução de hipoclorito de sódio (água sanitária) e água mineral na proporção 1:10 por cinco minutos. Posteriormente, as amostras foram escorridas e colocadas em três bandejas de secagem de forma ordenada. As bandejas foram pesadas em balança semi analítica de precisão de 0,1g da marca Marte AD3300, identificadas e dispostas no interior da câmara de secagem, em ordem aleatória.

O secador solar foi constituído pelos componentes coletor solar, câmara de secagem e exaustor, conforme apresentado na Figura 2.

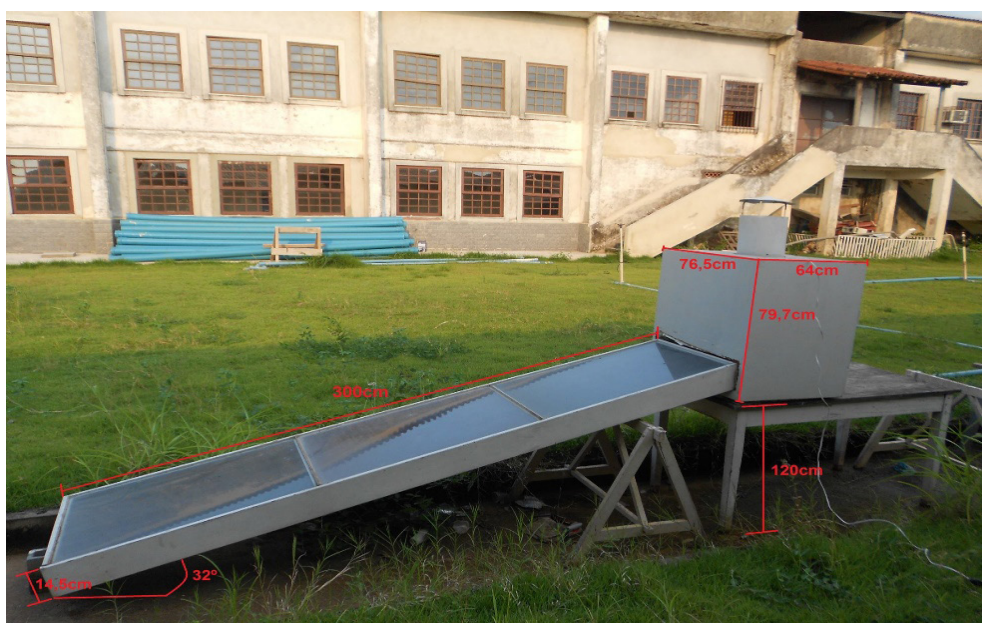


Figura 2. Vista de perfil do secador solar

Tendo em vista possibilitar um melhor aproveitamento da radiação solar incidente, o secador foi posicionado faceando o norte de Seropédica e o coletor disposto de maneira que formasse uma angulação de 32° com a horizontal. Segundo Moraes *et al.* (2004), é recomendado um acréscimo de 10° na latitude local para determinar a inclinação do coletor solar no período do inverno. Geralmente, isso ocorre para elevar a quantidade de radiação interceptada e diminuir a reflexão (KALOGIROU, 2014).

O coletor solar plano foi composto por caixa metálica de alumínio no formato retangular com dimensões de 0,68 x 3,00 x 0,14 m (largura x comprimento x altura). Este dimensionamento foi determinado de acordo com recomendações de Bezerra (2001), segundo o qual para cada metro cúbico da câmara de secagem é necessária uma área de 8 m^2 de coletor solar, formando a proporção de $1\text{m}^3:8\text{m}^2$. O interior do coletor solar foi composto, em sequência, por material isolante (isopor) fixado nas laterais e no fundo da caixa, cantoneiras sanfonada e cobertura de vidro.

A passagem do ar ambiente pelo interior do coletor solar foi através da placa sanfonada de seção triangular nas dimensões de 0,10 x 0,08 m (base x altura). Os canais superiores da superfície absorvedora foram vedados a fim de evitar a passagem de ar ambiente. Assim, a entrada do fluxo de massa de ar se deu através da seção transversal do coletor formada por seis triângulos (Figura 3). A saída da massa de ar ocorreu no local de acoplamento entre o coletor e a câmara de secagem. O acoplamento foi dado através de encaixe do coletor em uma área de corte retangular na parte inferior da câmara, garantindo-se a vedação de forma a evitar perdas no sistema. Para vedação da conexão utilizou-se silicone acético incolor.



Figura 3. Cantoneiras sanfonadas em triângulo do coletor solar.

Utilizou-se cobertura de vidro transparente liso com espessura de 0,004 m fixado na caixa metálica com o uso de silicone. A cobertura transparente teve por função auxiliar no efeito estufa e diminuir perdas convectivas da superfície absorvedora, contendo a camada de ar entre a placa e a cobertura.

A câmara de secagem foi construída a partir de uma estufa de laboratório desativada nas dimensões de 0,765 x 0,640 x 0,797m (largura x comprimento x altura). No interior da câmara foram instaladas prateleiras de aço inoxidável, com crivos de um centímetro de forma a permitir a passagem do ar. Acoplado à câmara de secagem foi instalado um exaustor com a função de forçar a circulação de ar em seu interior e fazer a manutenção desse fluxo de massa de ar, resultando na evaporação uniforme da umidade do produto de secagem. O exaustor, que foi acionado por energia elétrica, foi construído a partir de um depurador de ar reutilizado com potência equivalente a 152 W. Para proteção do equipamento contra agentes ambientais foi instalada uma chaminé tipo chapéu chinês com dimensões de 0,26 x 0,43 m (diâmetro x altura) feita a partir de uma tampa de leiteira de 60 L.

A secagem das amostras foi realizada em 4 dias seguidos, sendo o período no primeiro dia de 12:00 às 17:00 h, no segundo e terceiro dia de 08:00 às 17:00 h e no quarto dia de 08:00 às 12:00 h, totalizando 72 h. Durante o período noturno, como não há efeito do sol considerou-se como intermitência de 15 h entre 17:00 e 8:00 h.

Durante o processo, a velocidade média do ar de secagem na saída do exaustor da câmara de secagem foi mantida em $1,0 \text{ m s}^{-1}$. A velocidade do ar de secagem do presente trabalho foi utilizada por Mirzaee *et al.* (2010), que descreveram satisfatoriamente a curva de secagem de damasco através de modelo Logarítmico de Kant *et al.* (2016) para a secagem solar indireta de batatas. Para monitorar esse parâmetro utilizou-se o equipamento termo anemômetro digital, marca Minipa e modelo MDA II. A mensuração da temperatura na entrada do coletor (ar ambiente) e saída do coletor (ar de secagem) foi realizada por dois termopares conectados a um milivoltímetro com precisão de $\pm 0,1$ °C. Os dados de radiação solar referentes ao período em que foi realizada a secagem foram obtidos com o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), provenientes da estação meteorológica automática de Ecologia Agrícola/RJ, localizada em Seropédica (Figura 4).

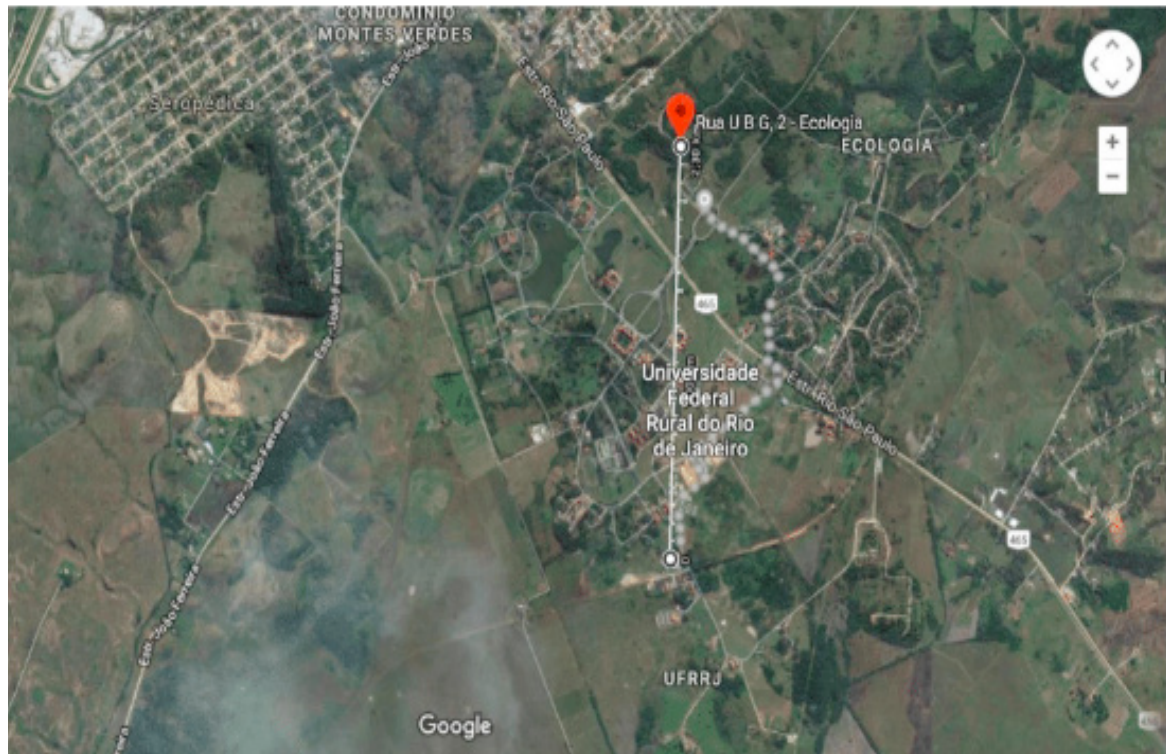


Figura 4. Distância entre a estação meteorológica de Ecologia Agrícola (ponto vermelho) e o local do experimento

(Fonte: Google Maps, 2018)

Observa-se na Figura 4 que a estação meteorológica automática utilizada como referência para a coleta dos dados de radiação solar está localizada a cerca de 2,30 km da base experimental e, portanto, não foram considerados erros de extrapolação dos dados obtidos pela estação.

Após a coleta dos dados realizou-se a avaliação do desempenho do coletor solar seguindo a metodologia proposta por Silveira (2016). De acordo com o autor, o desempenho do coletor pode ser determinado pela eficiência definida pela Equação 1 (DUFFIE & BECKMAN, 2013).

$$\eta = \frac{E_u}{E_i} \times 100 \quad (1)$$

Em que: η é a eficiência (%), E_u a energia útil fornecida pelo coletor solar ao longo do período de secagem ($W m^{-2}$) e E_i a energia solar incidente no coletor solar ao longo do período de secagem ($W m^{-2}$). A demanda energética do secador pode ser definida como a necessidade de aumento da entalpia do ar de secagem (SILVEIRA, 2016) pelo ganho de energia útil calculada pela Equação 2 (KALOGIROU, 2014).

$$\dot{Q}_u = \dot{m} \times c_p \times (T_f - T_i) \quad (2)$$

Em que: Q_u é o ganho de energia útil do coletor (W), \dot{m} é a vazão mássica do ar (kg s^{-1}), c_p o calor específico do ar ($\text{J (kg } ^\circ\text{C)}^{-1}$), T_f a temperatura de saída do coletor ($^\circ\text{C}$) e T_i a temperatura de entrada do coletor ($^\circ\text{C}$). Para o cálculo da vazão mássica do ar utilizou-se a Equação 3 (MONTEIRO *et al.*, 2010).

$$\dot{m} = A_s \times \rho_a \times v_a \dot{m} = A_s \times \rho_a \times v_a \quad (3)$$

Em que: A_s é a área da seção transversal do coletor (m^2), ρ_a a massa específica do ar úmido (kg m^{-3}) e v_a a velocidade do ar (m s^{-1}). A massa específica do ar úmido pode ser determinada em função da temperatura média (T_m) entre a entrada e saída do coletor solar, conforme demonstrada na Equação 4 (MONTEIRO *et al.*, 2010).

$$\rho_a = \frac{353,44}{T_m + 273,15} \rho_a = \frac{353,44}{T_m + 273,15} \quad (4)$$

Em determinado instante t , a eficiência instantânea do coletor solar pode ser descrita por Equação 5 (DUFFIE & BECKMAN, 2013).

$$\eta_i = \frac{Q_u}{A_c \times G_T} \times 100 \eta_i = \frac{Q_u}{A_c \times G_T} \times 100 \quad (5)$$

Em que: η_i é a eficiência instantânea do coletor (%) e G_T a radiação global na superfície inclinada (W m^{-2}).

Conforme o trabalho desenvolvido por Silveira (2016), para a avaliação da eficiência do coletor solar levaram-se em consideração que o isolamento do sistema não permite vazamento de ar, o ar que passa pelo coletor comporta-se como um gás ideal à pressão constante, a transmitância-absorbância entre o vidro e a placa absorvedora é desprezível e o valor de irradiância medido em uma superfície plana (estação meteorológica) é o mesmo para a superfície inclinada.

Para o cálculo da eficiência do coletor adotou-se o calor específico do ar de $1.006 \text{ J (kg } ^\circ\text{C)}^{-1}$, velocidade do ar de secagem de $1,0 \text{ m s}^{-1}$ e área da seção transversal do coletor de $2,04 \text{ m}^2$. Os gráficos foram plotados utilizando o programa computacional Sigmaplot versão 10.0.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresenta-se na Figura 5 a curva da temperatura do ar na entrada e saída do coletor e a diferença de temperatura entre esses dois pontos em função do período de secagem solar da manga. Considerando 15 h de intermitência diária, entre as 17:00 e 08:00 h, os quatro dias de monitoramento da secagem corresponderam aos períodos de secagem de 0 – 5 h, 20 – 29 h, 44 – 53 h e 68 – 72 h, respectivamente. Vale ressaltar que no primeiro dia de experimento as medições ocorreram apenas no

período da tarde, enquanto no último pela manhã.

De modo geral, no decorrer dos dias em que foi conduzido o experimento, observou-se aumento de temperatura entre a entrada e a saída do coletor, com exceção das primeiras horas de medição da manhã. Diariamente, as menores temperaturas foram encontradas nas primeiras duas horas (8:00 e 9:00 h), enquanto as temperaturas mais elevadas ocorreram no meio do dia (entre 12:00 e 14:00 h) (Figura 5). A temperatura máxima obtida na saída do coletor foi de 59,0 °C, no terceiro dia de experimento às 13:00 h ou às 49 h do período de secagem. Nesse instante, pode-se observar um acréscimo de 23,3 °C, com relação à temperatura de entrada.

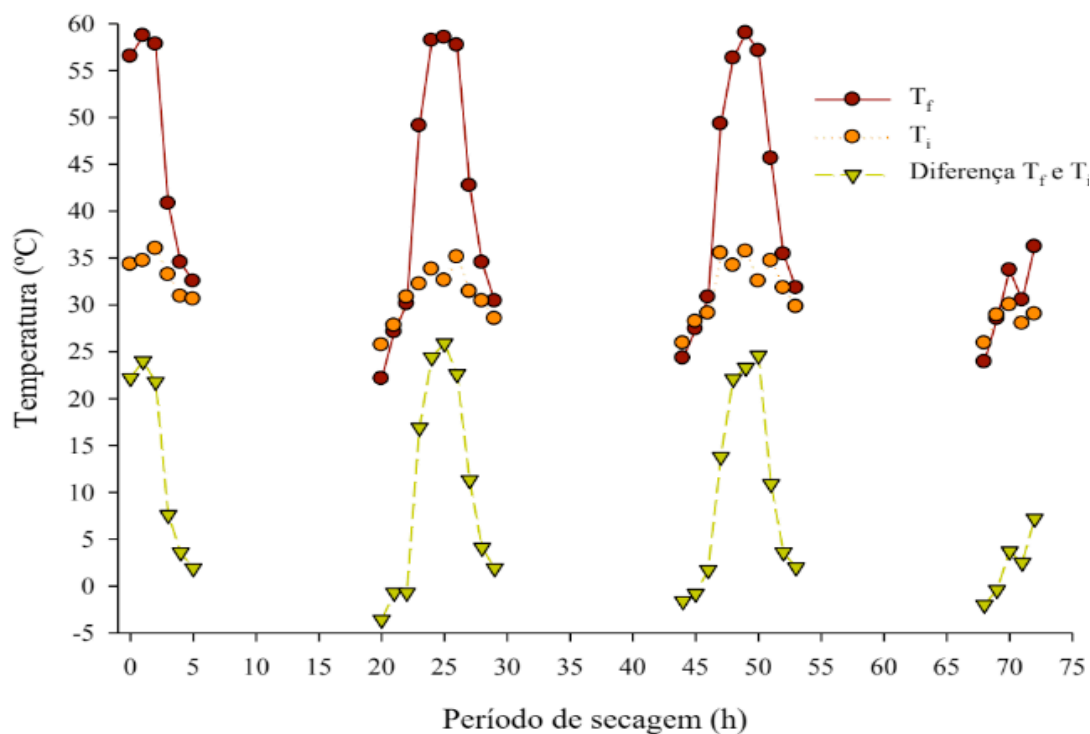


Figura 5. Curva da Temperatura (°C) do ar na entrada (T_i) e saída (T_f) do coletor e a diferença de temperatura entre os dois pontos.

Assim como as maiores temperaturas detectadas na saída do coletor, os maiores acréscimos se concentraram no período de 12:00 às 14:00 h (Figura 5). O maior incremento de temperatura foi equivalente a 25,9 °C, às 13:00 h do segundo dia de experimento ou às 25 h do período de secagem. Considerando todo o período, a variação média do incremento da temperatura entre a entrada e a saída do coletor foi de 9,48 °C. Esse incremento é superior ao encontrado por Shalaby & Bek (2014), que ao investigar a performance de um secador solar indireto observou um acréscimo de 7,5 °C entre a temperatura do ar de secagem e a temperatura ambiente. Além disso, a variação térmica está de acordo com a relatada por Dina *et al.* (2015), que avaliaram a efetividade da secagem solar contínua para sementes de cacau utilizando coletor solar de placa plana. Esses autores constataram aumento entre 9 e 12 °C da temperatura do ar no interior da câmara de secagem em relação a ambiente.

Na Figura 6 apresenta-se a curva da radiação solar global em função do período

de secagem. A radiação solar global média obtidos no INMET durante o período de secagem foi de aproximadamente 361 W m^{-2} .

É possível notar que, assim como observado na curva da temperatura (Figura 5), os horários do meio do dia apresentaram valores de radiação mais elevados (Figura 6). A radiação global máxima, equivalente à $593,67 \text{ W m}^{-2}$, foi obtida na primeira medição do período de secagem, às 0 h ou 12:00 h do primeiro dia. A radiação mínima, por outro lado, foi equivalente à 73 W m^{-2} , obtida às 29 h de secagem ou 17:00 h do segundo dia de monitoramento.

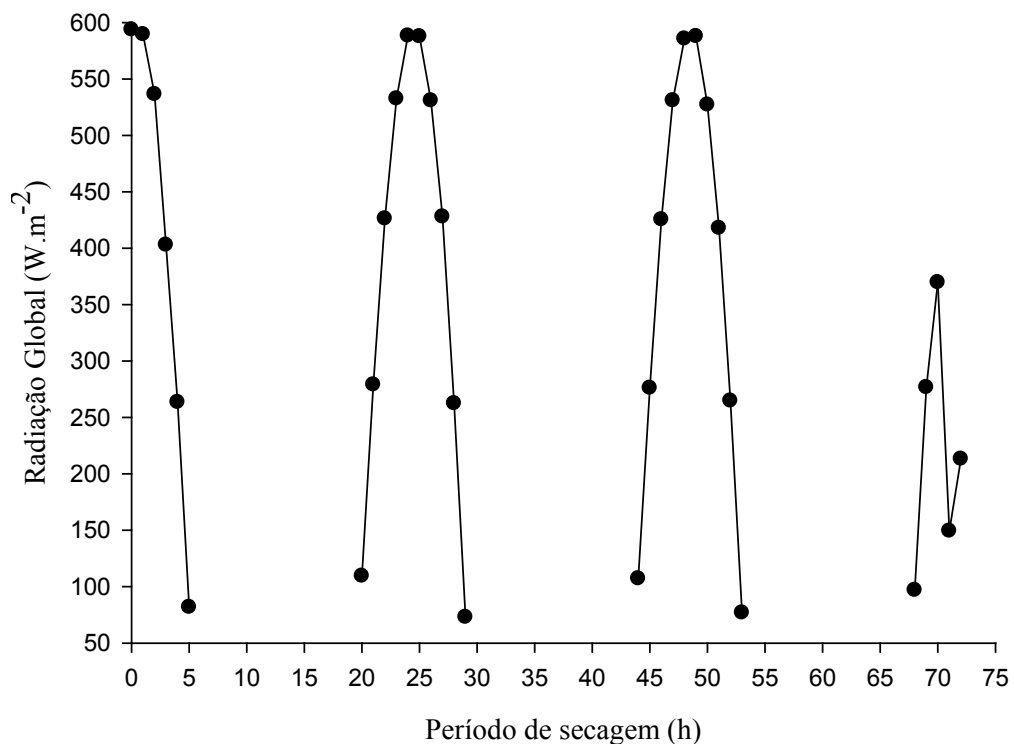


Figura 6. Curva da radiação global (W m^{-2}) para o período de secagem

Na Figura 7, pode-se observar que diariamente valores crescentes de radiação de 8:00 às 13:00 h, enquanto o trecho decrescente de 13:00 às 17:00 h. Esse comportamento da radiação solar global (G_t) sobre a temperatura de saída do coletor (T_f) pode ser verificado na Figura 6. Ainda é possível notar que na medida em que a radiação global aumenta e, em seguida, decresce no decorrer do período de secagem, a temperatura de saída do coletor acompanha o seu comportamento.

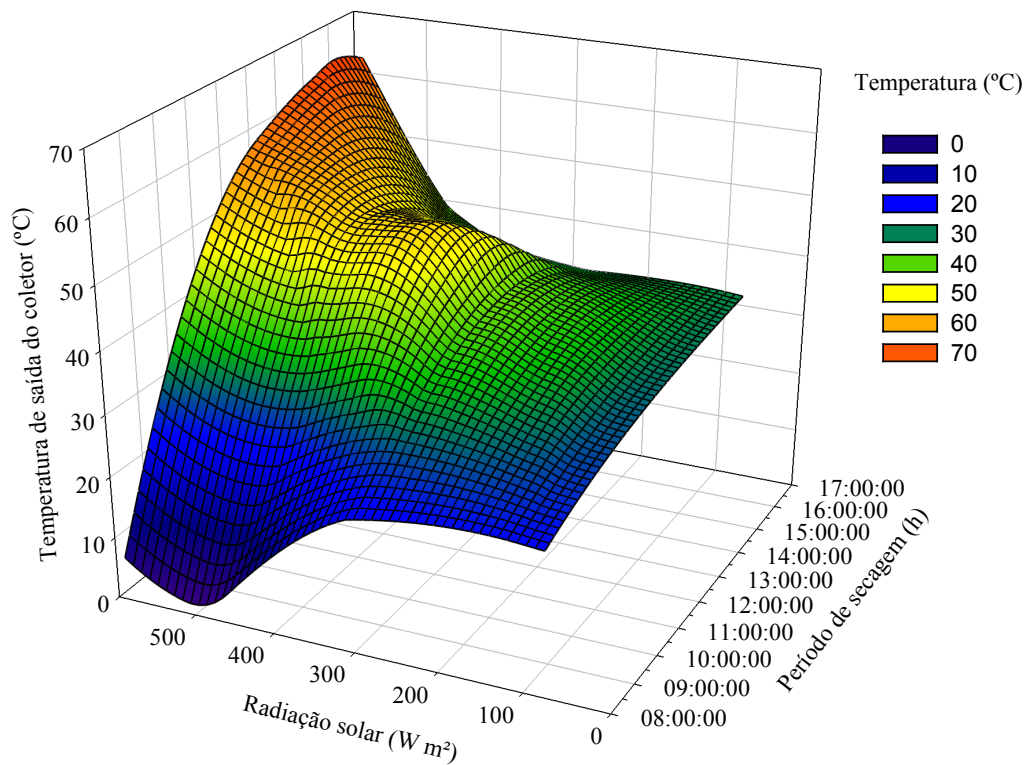
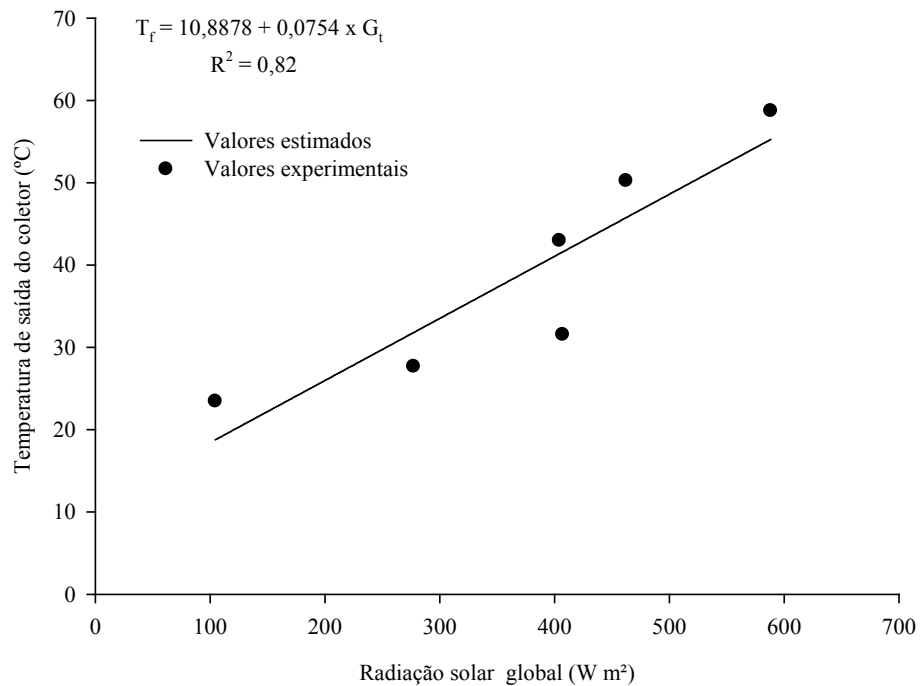
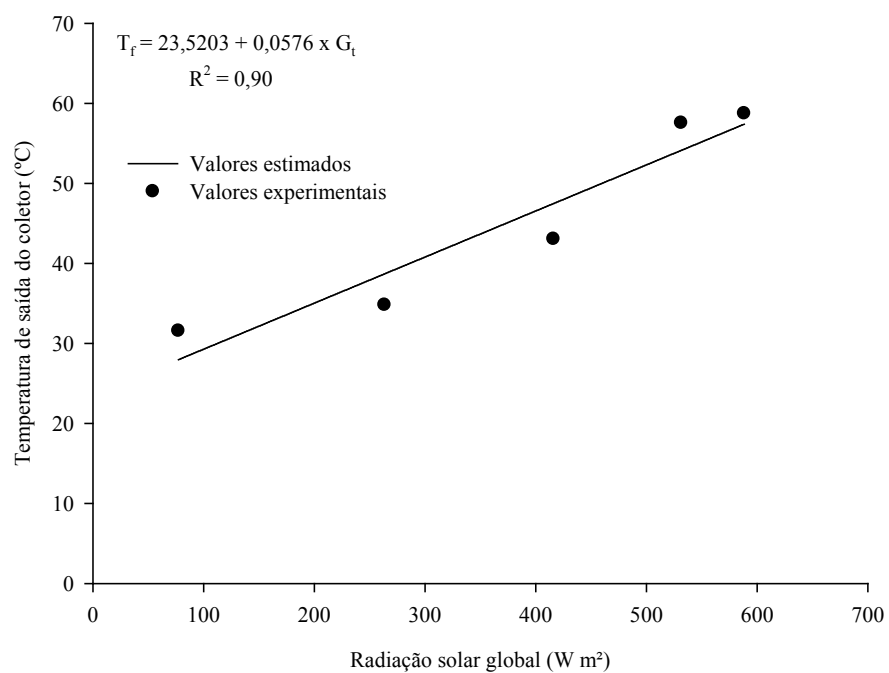


Figura 7. Comportamento da Temperatura de saída do coletor (°C) e Radiação Global ($W m^{-2}$) com o período de secagem

Realizando uma modelagem entre essas duas variáveis, Silveira (2016) observou que a relação entre a variação da radiação global e a variação da temperatura de secagem apresentou comportamento próximo à função linear. Sendo assim, optou-se no presente estudo por se fazer essa avaliação através de uma análise de regressão linear. Levou-se em consideração que o estudo do comportamento da temperatura de saída do coletor com relação à radiação global para uma dada vazão mássica é de grande relevância para o projeto de coletores solares para secagem, pois pode auxiliar na previsão estimada da temperatura de saída do coletor solar para dias em que os dados meteorológicos sejam conhecidos (MONTEIRO *et al.*, 2010). Apresenta-se na Figura 8 a regressão linear para a temperatura de saída do coletor (T_c) em função da radiação solar global (G_g) nos trechos crescente e decrescente.



a)



b)

Figura 8. Regressão para T_f em função G_t , a) trecho crescente e b) trecho decrescente de radiação.

Pelos resultados apresentados na Figura 8, pode-se inferir que houve relação linear da temperatura de saída do coletor em função da radiação global, em conformidade com o comportamento ilustrado na Figura 7. As equações exibidas na Figura 8 podem ser utilizadas em futuras estimativas da temperatura de saída do coletor caso os dados de radiação global e vazão mássica sejam conhecidos. Isso significa que há a possibilidade de se ajustar as condições do ar de secagem previamente ao início do processo, sabendo-se as condições meteorológicas e a demanda do produto de secagem. Para ambos os trechos de radiação, crescente e

decrecente, foi observado linearidade na relação entre T_f e G_t , com coeficientes de correlação (R^2) iguais a 0,82 e 0,90, respectivamente. Esses valores de coeficiente de correção foram próximos ao encontrado por Silveira (2016), sendo de 0,98 e 0,91 para o trecho crescente e decrescente, respectivamente. Contudo, pode ser observado que o autor fez a análise com um número maior de observações e, além disso, houve um curto período da secagem em que a relação não foi diretamente proporcional, tendo sido desconsiderado pelo autor.

Observa-se na Figura 9, similaridade nas curvas de eficiência térmica instantânea do coletor em função do período de secagem para cada dia. De maneira geral, o comportamento da eficiência instantânea do coletor foi crescente até aproximadamente as 14:00 h, seguido de decréscimo até às 16:00 h e aumento até às 17:00 h.

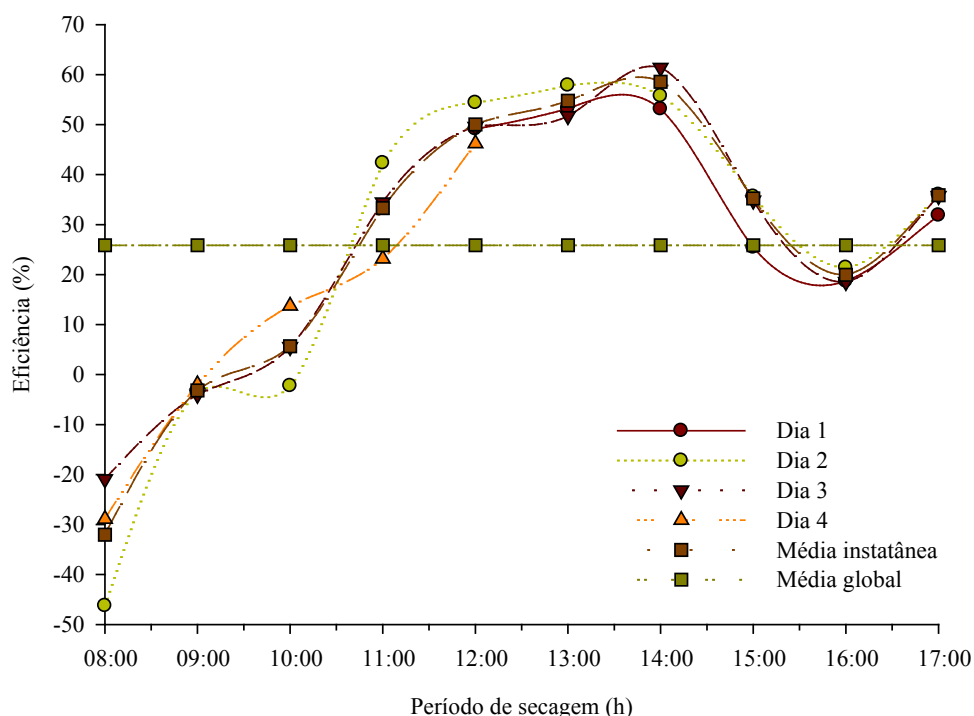


Figura 9. Comportamento da eficiência do coletor solar em função do período de secagem

Verifica-se que, diariamente no início da manhã a eficiência negativa pode estar relacionado com a queda de temperatura no período noturno, de intermitência da secagem, e provável retenção do ar frio no coletor solar. Conforme verificado na Figura 5, os valores mínimos de temperatura na saída do coletor foram observados nas primeiras horas da manhã e a tendência foi de elevação seguida de queda de temperatura próximo ao final da tarde. Hedge *et al.* (2015) avaliaram a eficiência para sistema de secagem solar de banana, comparando os resultados para a passagem do fluxo de ar entre a placa absorvedora e a cobertura do coletor (fluxo superior) e para a passagem do fluxo entre a placa absorvedora e uma camada de isolamento (fluxo

inferior). Os autores encontraram comportamento semelhante ao observado na Figura 8, em relação a menores valores no início da manhã, elevação seguida de queda da eficiência durante o dia e nova elevação ao entardecer. Ainda, esses autores explicam que a eficiência retorna a elevar no final da tarde, pois após a radiação decrescer, o calor que foi armazenado no isolamento durante o dia é recuperado, impulsionando a eficiência nesse período. Contudo, para o presente trabalho, seria recomendável a adição de uma fonte de aquecimento complementar para manter os níveis de eficiência do sistema elevados durante a noite, evitando-se a intermitência na secagem.

Estimando-se a eficiência média por hora para os quatro dias de secagem, obteve-se o valor máximo às 14:00 h e mínimo às 08:00 h, sendo estes 58,6 e -32,0%. A eficiência média global obtida foi de 25,9%, inferior ao encontrado por Hedge *et al.* (2015), o que pode ter sido acarretado pela eficiência negativa ocorrida diariamente no início do processo de secagem. Em adição, no trabalho realizado por esses autores, o início da coleta de dados foi às 9:00 h e eficiência máxima atingida de 50% às 16:00 h. No entanto, o valor médio obtido no presente trabalho foi próximo ao encontrado por Fudholi *et al.* (2015), que para a secagem solar de pimenta vermelha com fluxo de massa de ar de $0,07 \text{ kg s}^{-1}$ obtiveram 28% de eficiência do coletor solar, e por Lingayat *et al.* (2017), que ao avaliar a performance de um secador solar indireto para a secagem de banana estimaram a eficiência média do coletor em 31,50%, em condições de radiação solar média de 724 W m^{-2} . Potdukhe & Thombre (2008) observaram 34% de eficiência de coletor na secagem solar de pimentões e folhas de feno-grego. Vale ressaltar que em seu experimento os autores avaliaram a influência de óleo térmico na secagem solar indireta.

Embora os resultados obtidos estejam de acordo com aqueles encontrados na literatura, Kumar *et al.* (2016), que afirmou em seu trabalho que secadores híbridos solares são a melhor alternativa disponível para rápida secagem solar de produtos, indicou que a eficiência média do coletor desses tipos de secadores é 62,5%. Vale ressaltar que houve perda de energia útil no período inicial da manhã e, como consequência, a eficiência do coletor obtida nesses instantes foi negativa, reduzindo a eficiência média obtida. De acordo com Duffie & Beckman (2013) tais perdas ocorrem geralmente no início da manhã ou no entardecer, quando os níveis de radiação não são suficientes para superar as perdas térmicas do coletor para as redondezas e por isso os autores não recomendam que o coletor não seja utilizado nesses períodos.

4 | CONCLUSÕES

Diante do exposto, conclui-se que o coletor solar foi eficiente na secagem do produto agrícola manga, com exceção das primeiras horas da manhã. Os valores máximos de eficiência ocorreram no meio do dia, quando a radiação global e a temperatura de saída foram mais elevadas.

5 | AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao Programa BIEXT da UFRRJ.

6 | REFERÊNCIAS

BACHELLI, M. L. B. **Sanitização para alface minimamente processada em comparação ao hipoclorito de sódio**. Tese de Mestrado, BAE, UNICAMP, Campinas. 2010.

BARBOSA, J. R. P. **Estudo da Viabilidade de uso de secadores solares fabricados com sucatas de luminária**, Tese de Mestrado, UFRN, Natal. 2011.

BARBOSA DE LIMA, A. G. et al. **Intermittent Drying: Fundamentals, Modeling and Applications**, Springer International Publishing Switzerland. 2016.

BEZERRA, A. M. **Aplicações térmicas da energia solar**, Editora Universitária da UFPB, João Pessoa. 2001.

BRAGA, B. et al. **Uma Visão da Agricultura Familiar no Município de Seropédica**, Cadernos de Agroecologia, vol. 10, n.1. 2015.

CARVALHO, F. R.; SIONEK, M. C. **Análise da eficiência de um coletor solar plano**, Trabalho de Conclusão de Curso, DAMEC, UTFPR, Curitiba. 2015.

CELESTINO, S. M. C. **Princípios de secagem de alimentos – Planaltina**, Embrapa Cerrados, DF, 51 p. 2010.

CORNEJO, F. E. P. et al. **Secagem como método de conservação de frutas**, Embrapa Agroindústria de Alimentos, Rio de Janeiro. 2003.

COSTA, J. B. S. **Obtenção e caracterização de farinha de caju através do uso de um sistema de secagem solar de baixo custo**, Tese de Mestrado, UFRN, Natal. 2010.

DINA, S. F. et al. **Study on effectiveness of continuous solar dryer integrated with desiccant thermal storage for drying cocoa beans**, Case Studies in Thermal Engineering, vol. 5, pp. 32–40. 2015.

DUFFIE, J. A.; BECKMAN, W. A. **Solar Engineering of Thermal Processes**, John Wiley & Sons. 2013.

EL-SEBAILI, A. A.; SHALABY, S. M. **Experimental investigation of an indirect-mode forced convection solar dryer for drying thymus and mint**, Energy Conversion and Management, Elsevier, vol. 74, pp. 109-116. 2013.

FALCÃO FILHO, R. S. **Produção de passas de talo de abacaxi pérola por processo osmo-solar**, Tese de Mestrado, UFPB, João Pessoa. 2011.

FREITAS NETO, F. R. **Estudo de um secador híbrido (solar-elétrico) para desidratação de frutas**, Tese de Mestrado, Centro de Tecnologia, UFRN, Natal. 2015.

- FUDHOLI, A. et al. **Review of solar drying systems with air based solar collectors in Malasia**, Renewable and Sustainable Energy Reviews, Elsevier, vol. 51, pp. 1191-1204. 2015.
- GENUNCIO, G. C. **Crescimento e produção do tomateiro em sistema de cultivo a campo, hidropônico e fertirrigado, sob diferentes doses de Nitrogênio e Potássio**, Tese de Doutorado, IA, UFRRJ, Seropédica. 2009.
- GOOGLE EARTH-MAPAS. [Http://mapas.google.com](http://mapas.google.com). Consulta realizada em 18/01/2018.
- GUIMARÃES, L. D. D. **Agroecologia e educação agrícola: alternativa sustentável para agricultura familiar no município de Seropédica**, Tese de Mestrado, IA, UFRRJ, Seropédica. 2010.
- HEDGE, V. N. et al. **Design, fabrication and performance evaluation of solar dryer for banana**, Energy, Sustainability and Society, pp. 5-23. 2015.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção Agrícola Municipal**. 2012
- IMRE, L. **Solar Drying**, Handbook of industrial drying, 4th ed., Boca Raton: CRC Press, chap 14, pp. 303-350. 2015.
- INMET, Instituto Nacional de Meteorologia. **Seção de Armazenamento de Dados Meteorológicos (SADMET)**, Estação Meteorológica Automática de Ecologia Agrícola/RJ. 2017.
- KALOGIROU, S. A. **Solar energy engineering: processes and systems**, 2nd ed., Oxford: Academic Press. 2014.
- KANT, K. et al. **Thermal energy storage based solar drying systems: A review**, Innovative Food Science and Emerging Technologies, vol. 34, pp. 86–99. 2016.
- KUMAR, M. et al. **Progress in solar dryers for drying various commodities**, Renewable and Sustainable Energy Reviews, vol. 55, pp. 346-360. 2016.
- LINGAYAT, A. et al. **Design, Development and Performance of Indirect Type Solar Dryer for Banana Drying**, Energy Procedia, vol. 109, pp. 409-416. 2017.
- MACHADO, A. V. et al. **Avaliação de um secador solar sob convecção forçada para a secagem do pedúnculo de caju**, Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável, vol. 6, pp. 01-07. 2011.
- MARQUES, L. G. **Liofilização de frutas tropicais**, Tese de Doutorado, Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia, UFSCar, São Carlos. 2008.
- MENEGHETTI, V. L. et al. **Modelos matemáticos para a secagem intermitente de arroz em casca**, Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental, vol. 16, n. 10, pp.1115–1120. 2012.
- MIRZAEI, E. et al. **Evaluation and Selection of Thin-layer Models for Drying Kinetics of Apricot (cv.NASIRY)**, Faculty of Agricultural Engineering and Technology, University of Tehran, Karaj, Iran. 2010.
- MONTEIRO, I. et al. **Design, construction and performance testing of a solar dryer for agroindustrial by-products**, Energy Conversion and Management, Elsevier, vol. 51, n. 7, pp. 1510-1521. 2010.
- MORAES, S. O. et al. **Secador Solar de Baixo Custo para Frutas e Hortaliças**, São Paulo: ESALQ-USP, pp14. 2004.

MUSTAYEN, A. et al. **Performance study of different solar dryers: a review**, Renewable and Sustainable Energy Reviews, vol. 34, pp. 463–70. 2014.

POTDUKHE, P.; THOMBRE, S. **Development of a new type of solar dryer: its mathematical modelling and experimental evaluation**, International Journal of Energy Research, vol. 32, pp. 765–82. 2008.

SEAD, Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário. **Plano Safra da Agricultura Familiar 2017/2020**. 2017.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Agronegócio – Fruticultura, Boletim de Inteligência Outubro/2015**. 2015.

SHALABY, S. M.; BEK, M. A. **Experimental investigation of a novel indirect solar dryer implementing PCM as energy storage medium**, Energy Conversion and Management, vol. 83, pp. 1–8. 2014.

SIGMAPLOT. For Windows, version 11.0, Systat software. 2008.

SILVEIRA, L. R. **Modelagem de um secador solar de produtos agrícolas com sistema de armazenagem de energia térmica**, Tese de Doutorado, ESALQ, USP, Piracicaba. 2016.

SPRICIGO, P. C. **Perdas Pós-Colheita de Frutas e Hortaliças**, Embrapa Instrumentação. 2016.

SREEKUMAR, A. **Techno-economic analysis of a roof-integrated solar air heating system for drying fruit and vegetables**, Energy Conversion and Management, vol. 51, pp. 2230-2238. 2010.

SOBRE O ORGANIZADOR:

Paulo Jayme Pereira Abdala possui graduação em Engenharia Eletrônica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - RJ (1988), mestrado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005) e pós-graduação em Gestão de Aviação Civil pela Universidade de Brasília (2003). Entre 1989 e 2008 foi Chefe do Laboratório de Ruído Aeronáutico e Emissões de Motores do DAC/ANAC, tendo desenvolvido centenas de estudos sobre poluição sonora e atmosférica oriundas da atividade aeronáutica. Foi representante oficial do Brasil em diversos Fóruns Internacionais sobre meio ambiente promovidos pela Organização de Aviação Civil Internacional OACI - Agência da ONU. Foi Coordenador dos Cursos de Engenharia de Produção, Elétrica, Civil e Mecânica na UNOPAR/PG entre 2013 e 2018. Atualmente é Consultor Independente para a AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL, OACI e INFRAERO. Tem experiência na área de Engenharia Eletrônica, atuando principalmente nos seguintes temas: acústica, meio ambiente e pedagogia (metodologia TRAINAIR/OACI).

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-066-7



9 788572 470667